

"O Brasil deve abrir mais a sua economia"

GAZETA MERCANTIL

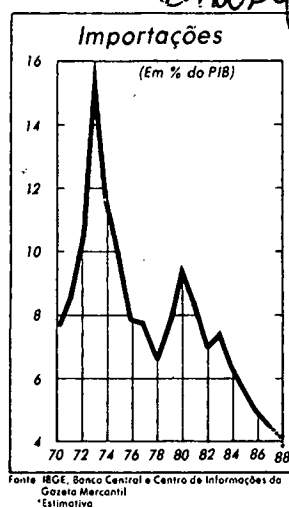
26 SET 1988

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

O Brasil deve abrir mais decisivamente sua economia ao exterior, não só como uma forma de aumentar a eficiência e reduzir os efeitos negativos provocados por um saldo comercial externo excessivo como também para atenuar as pressões inflacionárias a curtíssimo prazo.

É com este diagnóstico, pelo que apurou este jornal, que o Banco Mundial (BIRD) pretende discutir com o Brasil o rumo de alguns empréstimos setoriais. O que está em jogo não são apenas problemas específicos mas o próprio rumo da política macroeconômica.

O caso mais urgente é o empréstimo para o setor energético de US\$ 500 milhões, que deveria ser aprovado pelo BIRD em outubro mas cujo exame pelo "board" foi adiado ainda sem data previsível, como explicou Maritta Koch-Weser, técnica da área da América Latina. A aprovação desse empréstimo é pré-condição para a libera-



ção, pelos bancos credores, do segundo desembolso ao Brasil (de US\$ 600 milhões) em 1º de dezembro.

O problema técnico com esse empréstimo surgiu quando o governo brasileiro decidiu fazer com que a Eletrobrás incorporasse a Nuclebrás. Com isso, surgiram dúvidas de ordem financeira, ambiental e política, já que o BIRD não costuma financiar projetos

ligados à energia nuclear. O BIRD está pedindo, por exemplo, assessoria da Agência Internacional de Energia Nuclear, órgão ligado à ONU, para fazer uma análise técnica de vários aspectos do programa nuclear brasileiro. Não se sabe quando os estudos terminarão, como disse Koch-Weser.

Mas, segundo fonte qualificada, a liberação do empréstimo energético (ou de outros empréstimos setoriais) não esbarra só nessa questão, mas na própria perspectiva da política macroeconômica. Embora destinado ao setor energético, o empréstimo irá, de fato, financiar importações, ou seja, aliviar o balanço de pagamentos brasileiro — o que reforça a importância das considerações macroeconômicas.

A idéia central é que o Brasil perdeu, em grande medida, a capacidade de utilizar a política monetária como instrumento de política econômica. Isso porque a alta taxa de inflação e a indexação tiraram muito da flexibilidade possível nessa área. Restam, portanto, apenas dois instrumentos de ação: a política fiscal e o manejo da política externa, via importações.

A política fiscal, com todas as dúvidas, está entalhada. Supõe-se que seja desejável ativar mais o uso das importações como instrumento de política econômica.

A questão da liberalização das importações brasileiras está posta na mesa com o BIRD na discussão de outro empréstimo setorial importante, o do setor comercial, também de US\$ 500 milhões. Considera-se que a flexibilização já aprovada com a revisão tarifária e a nova política industrial foi muito tímida. Continuam a existir barreiras administrativas sérias às importações e o que se quer é um gesto decisivo e inequívoco de maior abertura.

O Banco Mundial desenvolveu, entre 1982 e 1988, um programa de preservação ambiental e indígena para a região de Carajás. A iniciativa, que envolveu recursos de US\$ 70 milhões, está sendo minada pela política oficial do governo de dar incentivos ao desmatamento para exploração de ferro-gusa. Este é apenas um exemplo apresentado em Berlim sobre os problemas do BIRD com o Brasil.